

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

No lugar certo no momento certo.

Cristiano Desconsi.

Cita: Cristiano Desconsi (2009). No lugar certo no momento certo. *XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires*. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <http://www.aacademica.org/000-062/712>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <http://www.aacademica.org>.

No lugar certo no momento certo

Cristiano Desconsi

CPDA – UFRRJ- BRASIL

crdesconsi@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho visa à reflexão sobre a “chegada” no estado do Mato Grosso de famílias camponesas oriundas do Sul do Brasil que configuram como “pequenos” proprietários rurais tuno período pós 90. A partir das trajetórias de 25 famílias que viveram esta experiência, tomadas em narrativas e observação de campo se estruturam discussões em torno, dos caminhos e estratégias tomadas pelos atores sociais que se movimentam em várias etapas migratórias buscando espaços de inserção produtiva e locais de residência. A busca pelo acesso e valorização da terra e trabalho agrícola (“de peão”) é central para tentar alcançar acumulação de patrimônio a fim de reproduzir o grupo familiar. Isto produz uma avaliação coletiva constante sobre o “melhor lugar” para permanecer ou estabelecer nova etapa migratória diante de um contexto social, econômico e político marcado pela urbanização, concentração de terras e diminuição do trabalho agrícola associados à projetos de assentamentos rurais e expansão da “fronteira”. Evidenciamos desta forma que o recurso disponível (patrimônio acumulado) é elemento pertinente na definição de para onde e quando a família vai empreender sua migração. Essa configuração presente no conjunto das trajetórias do grupo de diferenciam no próprio espaço geográfico em relação aos “grandes” proprietários desta mesma região. O migrante do Sul de “pouco recurso” observa o acesso a terra nos projetos de

assentamento rurais, mapeando os locais de novos projetos bem como a sua situação; mapeiam da mesma forma, como um horizonte possível, novas regiões que estão em processo de expansão observando o trabalho de peão. Um último ponto que compõe esta análise aspectos que explicam como os fluxos onde estes grupos sociais estão inseridos se mantêm no Brasil desde as décadas de 40 promovidos por política e projetos do estado brasileiro que continuam vigentes visando o processo de ocupação das regiões do Cerrado e Amazônia brasileira.

PALAVRAS CHAVE – Camponeses, migração, terra, trabalho

1 INTRODUÇÃO

Diante do desafio de pesquisar as questões que envolvem a heterogeneidade inerente aos fluxos migratórios, apresentamos uma análise qualitativa a partir de um conjunto de 25 famílias cujas trajetórias migratórias e sociais estão diretamente ligada às atividades agropecuárias. A abordagem temporal localiza-se no período pós-90, período no qual ocorre uma intensificação da migração para os estados do Centro-oeste e norte. Para tal reflexão este trabalho apresenta: o método qualitativo baseado na identificação de um conjunto de famílias a partir de critérios de dispersão geográfica, atividade produtiva, e região de origem comum e a abordagem está a análise dos caminhos percorridos pelos atores na região de destino (Mato Grosso) atendo-se ao movimento na busca de inserção produtiva e social deste conjunto de famílias. Os principais caminhos na luta por acesso à terra e ao trabalho são centrais neste aspecto, bem como uma avaliação constante do “melhor lugar” para permanecer ou estabelecer nova etapa migratória.

2. MAPEANDO AS TRAJETÓRIAS DOS ATORES

Para realizar o estudo sobre migração enquanto processo social significa primeiramente tomar os atores (migrantes) como agentes coletivos, focando além das manifestações no agir cotidiano dos grupos sociais residentes (SILVA, M.; MENEZES. M ,2006). As trajetórias devem ser compreendidas no meio social onde as encontramos e interagindo com os contextos sócio-históricos e outras forças estruturais e vetores que interferem no processo migratório.

Compreendemos que existem forças estruturais que constroem e desconstróem dinâmicas no espaço social (BOURDIEU, 1989).

Para analisar este deslocamento, tomamos a família (casal mais os filhos que migram conjuntamente) como categoria analítica, A análise do deslocamento geográfico, geralmente concebida em termos nativos como deslocamento da família, lançou mão da noção de trajetória, de Bourdieu (1990) que por sua vez não se confunde com um sentido puramente geográfico de trajetória. Para chegar às possíveis explicações sobre a migração destas famílias no período pós-90, a principal metodologia utilizada no trabalho de campo foram as narrativas dos atores. Elas são compreendidas como práticas de publicização, além de sempre observar o contexto, o local, quem e em qual condição este ator produz esta narrativa (COMERFORD, 2003). O trabalho de pesquisa de campo teve a duração de março a julho de 2008, considerando um tempo de 80 dias na microrregião do Alto Teles Pires-MT, mais 15 dias no mês de outubro do mesmo ano em municípios do Norte do Rio Grande do Sul.

O conjunto dos atores foco de análise, foi tomado observando o critério da dispersão geográfica na microrregião do Alto Teles Pires, a partir do ponto central a cidade de Sorriso MT nas margens da BR-163. Nesta cidade são tomados um grupo de oito famílias de chacareiros (proprietários rurais do entorno da cidade) e posteriormente famílias de outros quatro assentamentos rurais: São três assentamentos localizados entre 140 à 160 km na direção leste da BR-163; assentamentos Santa Rosa I, II e Piratininga. À oeste da rodovia à 60 e 100 o assentamento Eldorado I e Mercedes. Para visualizar apresentamos o mapa abaixo:

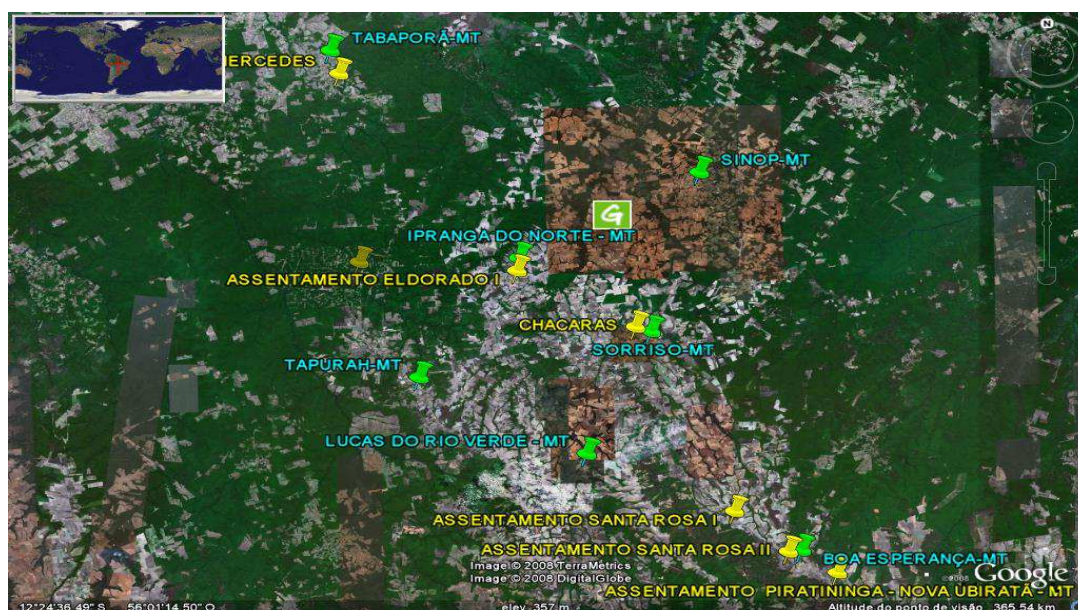


FIGURA 1 - Mapa de localização das cidades investigadas e Projetos de Assentamento.

Fonte: Mapa elaborado pelo autor a partir das imagens do Programa Google Earth, janeiro de 2009. Os pontos em amarelo são os Projetos de Assentamento e em Azul as sedes dos municípios e vilas.

A categoria, dos “pequenos” proprietários rurais, abriga os chacareiros e os assentados, que podem ou não terem sido “peões” em suas trajetórias. A categoria também leva em consideração a dimensão de área do estabelecimento ou propriedade rural. Este fato explica em parte o “enquadramento” dos chacareiros e assentados como pequenos, pois, no caso dos primeiros, as áreas variam de 2,5 hectares a 10 hectares; no segundo grupo, possuem entre 50 e 200 hectares de terra. Esta quantidade (até 200 hectares de terra) é tomada como critério das políticas públicas para o meio rural (Projetos de Assentamento e crédito rural).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 CAMINHOS DE INSERÇÃO PRODUTIVA NO MATO GROSSO

Uma das questões que permeiam as discussões sobre o processo migratório está relacionada ao tipo de inserção (produtiva) dos migrantes no novo espaço (BRITO, 2000). O que estaria sendo levado em conta por parte dos atores migrantes na definição não era somente a atividade produtiva e de geração de renda, mas o próprio local de residência? Nas narrativas dos assentados foi recorrente a análise do momento de migrar, e do local para onde se pretendia migrar, que foi traduzido na narrativa de L. M: “aqui no Mato Grosso temos que estar no lugar certo no momento certo”, Esta afirmação vem associada a observação de oportunidades de produzir a mobilidade social, ou acumulação de patrimônio a fim de reproduzir o grupo familiar associado, ou ao acesso à terra e sua valorização, ou ao trabalho de peão, ou trabalho agrícola.

Os 25 casos, apesar de trajetórias distintas, vão se constituir como “pequenos” proprietários rurais, especialmente no período de 96-2003. Um grupo de sete famílias migrou neste período diretamente do Sul do Brasil, e as outras 14 famílias construíram outras etapas migratórias. A urbanização, neste sentido, possui uma correlação direta com esta dinâmica na medida se tornam pólos do setor de agro industrialização e prestação de serviços, assim como locais de residência de trabalhadores. Nesta dinâmica do desenvolvimento, a agricultura tem um papel importante não somente como produtora de alimentos e matérias-primas, mas também como mercado dos outros setores do complexo agroindustrial, com destaque ao setor de máquinas, insumos e sementes

(MARTINE; GARCIA, 1987). A dinâmica da urbanização, porém ocorre em confluência com políticas públicas de redistribuição de terras nos projetos de assentamentos de Reforma Agrária. A possibilidade de acesso à terra atrai famílias de migrantes do Sul do Brasil, bem como produz um rearranjo na questão fundiária e nas migrações entre as microrregiões do próprio Estado do Mato Grosso. As desapropriações para fins de Reforma Agrária (“distributiva”) empreendidas pelo Estado brasileiro vão ter nova ênfase nas décadas de 80 e vão ganhar destaque expressivo, pelo menos do ponto de vista numérico, na segunda metade da década de 90: No estado do Mato Grosso, no período entre 1991 à 1996 foram assentadas 15040 famílias. Já no período entre 1996 à 2001 este número salta para 35493 famílias (CUNHA, 2002). Este fato está relacionado à política governamental de Reforma Agrária levada a cabo especialmente no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC). A pressão dos movimentos sociais do campo, na década de 90, em meio a um conjunto de conflitos e massacres demarcam a luta pela terra e desencadeiam desapropriações como uma resposta a esta mobilização social (LEITE; MEDEIROS, 2004).

3.2 ACESSO E VALORIZAÇÃO DAS TERRAS

Perpassam as trajetórias deste grupo estudado a busca pela terra, ou ainda a busca por mais terra. A terra é o meio de produção que através do trabalho familiar, se pode obter a produção de subsistência e possibilitar as condições mínimas de acumulação de patrimônio visando a geração seguinte (filhos) (WOORTMANN, 1995). No Brasil este caminho deve ser situado dentro de um processo histórico, onde esta reprodução sempre esteve associada à migração para novas fronteiras e processos de expropriação de populações para novas áreas (MARTINS, 1981). Este fato pode ser identificado nos percursos das famílias de agricultores que por vezes saem de regiões do Rio Grande do Sul, perpassando diversas etapas até chegar ao Mato Grosso. Migrar é a possibilidade do acesso à terra, a disponibilidade de terra está na fronteira, o Mato Grosso é o lugar de oportunidade (MARTINS, 1981, ZART, 1998). Esta racionalidade, que objetiva ampliar o patrimônio na dinâmica das terras baratas, indica a possibilidade do agricultor ao dispor de mais terra poder aumentar sua produção, o que visa reproduzir seu grupo familiar (GREGORY, 2008; SANTOS, 1993). No entanto, o trabalho de campo revelou outro elemento associado à busca por terras baratas: a perspectiva de valorização das terras.

Os assentados apontam que a média do preço atual dos lotes na área do chapadão giram em torno de 10 à 12 mil sacas de soja, ou convertendo nos valores praticados neste mesmo período de maio de 2008 aproximadamente 350 a 400 mil reais por lote (80 a 100 hectares) no caso de área de

“terra velha”, ou seja, que já estão a mais de três anos em cultivo. Neste sentido, o preço da terra nestes assentamentos pula de 100 reais por hectare para valores entre 3200 e 3500 reais por hectare, no período de nove anos. Destaco que esta expressiva valorização monetária da terra não é fato somente no assentamento, mas acontece em todas as áreas de terra desta microrregião neste período.

A dimensão da terra, os lotes em assentamentos e as chácaras são concebidos também como ativos financeiros de alta liquidez. Notoriamente esta concepção não deve ser compreendida na análise isoladamente, mas como resultado de uma confluência de fatores entre os quais se destacam: a) falta de capital de trabalho e acesso limitado ao crédito institucional e à assistência técnica; b) temor de perda do lote por aspectos conflitivos no assentamento (posseiros, atitude dos funcionários estatais), forte apelo e interesse de potenciais compradores, sejam fazendeiros ou mesmo outros agricultores do Sul mais capitalizados (REYDON; PLATA, 2006).

3.3 O TRABALHO AGRÍCOLA -“DE PEÃO”

Outro componente presente nas trajetórias destes assentados e chacareiros é a passagem pelo trabalho “de peão”. A categoria peão designa o trabalho de empregado submetido a um patrão; designa acima de tudo o empregado agrícola, cuja local de trabalho em geral, se vincula às fazendas; representa o trabalho não autônomo, ou dito em termos populares “trabalhar no que é dos outros”. Das 25 trajetórias enfocadas nesta pesquisa, 11 delas tiveram a passagem pelo trabalho agrícola. Na medida em que a família nunca teve acesso à sua unidade de produção, ou na medida em que a família (tronco) não conseguiu acumular patrimônio, o trabalho de peão aparece como meio para esta finalidade. Assim de modo geral caracterizamos quatro formas de trabalho associadas à designação “de peão”:

1) O primeiro trata-se do emprego agrícola permanente, ou seja, o “peão fixo”. É aquele que recebe remuneração mensal e por vezes alguma forma de bonificação no fim da safra anual. Podem ou não residir nas fazendas com a família ou em local próximo e se deslocar até a fazenda que é o local de trabalho. Consideramos permanente aqui, ele possui o vínculo de empregado, independente do ciclo agrícola.

2) Outra forma de trabalho de peão é o safrista, o contratado para o período do ciclo agrícola (plantio, colheita, por exemplo) com remuneração em geral por salário mensal, ou no caso de colheita, por porcentagem do produto colhido. Terminado este ciclo agrícola, os trabalhadores são

dispensados. Esta forma de trabalho engloba os trabalhos de operador de máquinas, motoristas de caminhões e carregadores especialmente.

3) A terceira forma de trabalho de peão é a empreita ou diarista. Os trabalhos associados às práticas agrícolas do desmate – “a abertura do Cerrado”, a atividade de “catação de raízes¹”, carregamento e descarregamento de caminhões, trabalho nos silos e armazéns. O pagamento é feito em valor monetário no final da atividade desenvolvida.

Esta tipificação, construída a partir das experiências vividas pelas famílias, visa instrumentalizar a compreensão das formas de trabalho acionadas pelos atores em suas trajetórias, bem como trazer indicações de mudanças que ocorreram no padrão de emprego agrícola. Nas trajetórias dos grupos estudados, o trabalho de peão se configurou como estratégia para acumular algum “recurso” visando o investimento, seja na compra de área (em assentamento ou chácara) ou ainda, investimentos iniciais sobre este lote, na “arrancada” das atividades produtivas. A forma de trabalho agrícola “atrativa” no momento da migração na década de 90 estava associada ao emprego permanente nas fazendas, onde as condições permitiram acumular capital para, posteriormente, buscar o acesso à terra própria. Morar na fazenda evita investimentos iniciais de aluguel ou mesmo a construção de algum tipo de residência para morar; os salários mensais garantem a manutenção da família:

As outras formas de trabalho “de peão” foram recorrentes nas trajetórias das famílias analisadas como mecanismo de manutenção da família nos primeiros anos e para dispor de “recurso” para investir no lote. Nos anos recentes, os atores apontam uma mudança estrutural no emprego agrícola. Apresentam-se cada vez menos postos de trabalho para conduzir as mesmas atividades agrícolas nas fazendas, o esgotamento da possibilidade de expansão de áreas nestes municípios, e ainda, uma nova configuração apresenta-se nas formas de contratação dos peões, cuja forma de contratação permanente fica restrita a alguns caseiros e gerentes.

A inovação tecnológica que vai sendo introduzida nas atividades agropecuárias nesta região, seja pela incorporação de novas máquinas, seja pela adoção de novas práticas agrícolas são apontadas como fatores que reduzem vêm reduzindo oportunidades de trabalho nas atividades agrícolas desenvolvidas na região. Paralelamente este fato potencializa a visão que associa o acesso à terra, seja nas chácaras e assentamentos como um “porto seguro”, apesar dos problemas e dificuldades já apontados a partir dos próprios atores. Cada vez mais é recorrente, nestas famílias, a

¹ A atividade de catação de raízes consiste no trabalho realizado após a derrubada da vegetação natural do Cerrado. Os primeiros revolvimentos do solo com grade aradora expõem na superfície da área as raízes da vegetação que existia ali. Nesta situação são contratados trabalhadores para fazer a catação manual destas raízes na área, que são amontoadas e geralmente queimadas na sequência do trabalho.

busca por intercalar diversas estratégias produtivas e de acesso ao trabalho, envolvendo todos os membros.

3.4 “O CAPITAL ACUMULADO NA DEFINIÇÃO DO LOCAL DE DESTINO

Na análise dos deslocamentos das famílias verificamos que as condições financeiras, os recursos dos quais as famílias dispunham se apresentaram como fatores que definem o local preciso da “entrada” no Mato Grosso e a busca pelo acesso à terra nos assentamentos e não em outros projetos de colonização empreendidos na região. Os assentamentos são considerados como a possibilidade de acesso à terra, principalmente para aqueles que “têm pouco recurso”. Sob este aspecto, outras duas características devem ser observadas nos assentamentos: i) a terra está parcelada em lotes menores (em geral de 50 a 90 hectares), diferente de projetos agropecuários empreendidos por empresas colonizadoras, corretores de imóveis, ou imobiliárias que operam com áreas à venda maiores (em geral acima de 400 hectares). Para comprar grandes áreas de terra e proceder à conversão da vegetação natural em área de lavoura, os recursos exigidos ficam muito além da disponibilidade destas famílias². ii) Os assentados não possuem o título de proprietário do lote (escritura), mas sim a concessão de posse. Este elemento influi no preço das terras nos assentamentos estudados, ou seja, o valor das terras nas áreas circunvizinhas que possuem a documentação de escritura é maior.

O recurso disponível (patrimônio acumulado) é elemento pertinente na definição de para onde e quando a família vai empreender sua migração constituindo, assim, configurações diferenciadas no próprio espaço geográfico; Os migrantes do Sul de “pouco recurso” observam o acesso à terra nos projetos de assentamento rurais, mapeando os locais de novos projetos bem como a sua situação; mapeiam da mesma forma, como um horizonte possível novas regiões que estão em processo de expansão buscando o trabalho “de peão”. Neste sentido, as trajetórias empreendidas por estas famílias se diferenciam dos grupos sociais que dispõem de “muito recurso”. Por isso é importante estar atento para os locais mapeados por estas famílias no momento atual, como possibilidade de estabelecer nova etapa migratória da própria família em si, ou de ser o local de indicação para novos migrantes que buscam “espaço” no Mato Grosso. Estas informações sobre o momento certo e o local certo circulam nas redes sociais de que estas famílias participam, e

² A liquidez de um ativo compreende o grau de facilidade ou dificuldade que determinado bem apresenta para ser vendido. Na argumentação de Plata (2002; 2006) há uma relação entendida como inversa entre o tamanho do imóvel (dimensão) e o preço. Segundo este autor, os imóveis de menor dimensão são mais fáceis de ser vendidos por apresentarem maior demanda de compradores.

serão levadas em consideração nas avaliações dos demais componentes da rede, sejam parentes, amigos e conhecidos, de forma frequente, contrabalançando com a situação vivida nos seus locais de residência e trabalho atuais.

Importante considerar que as avaliações e reflexões entre o fica ou empreender nova etapa migratória ocorre de forma coletiva envolvendo à todos que compõem a trama de relações onde estas famílias estudadas se situam sendo realizada de forma constante, e situa-se naquilo que é citado por Sayad (1998) como a condição do migrante que gira entre o provisório e o permanente. No decorrer desta pesquisa foi possível como um pano de fundo observar que, inerente ao processo migratório, se apresenta uma relação direta com mecanismos de seletividade social e espacial. “A seletividade é um dos componentes intrínsecos das trajetórias migratórias que, como caminhos estruturados socialmente, refletem os inúmeros obstáculos impostos à mobilidade social ascendente pela dinâmica econômica e social no Brasil” (BRITO, 2000 p. 19). Não alcançada a mobilidade social desejada, isto tende a culminar por parte dos “pequenos” em uma avaliação permanente entre migrar ou permanecer, confirmando a condição de provisoriedade como sinônimo de condição dos migrantes (SAYAD, 1998).

O foco analítico, a partir do grupo social que chamamos de “pequenos” proprietários rurais, permitiu uma abordagem diferenciada no olhar sobre os migrantes do Sul. Apesar de muito presente a possibilidade de ascensão social e a sua relevância enquanto elemento simbólico associado ao Mato Grosso, as 25 famílias foco desta pesquisa melhoraram suas condições de vida; porém, não mudaram sua posição social observando o conceito em Bourdieu (1990) e Sayad (1998). Neste sentido, avaliam constantemente o “momento certo e o lugar certo” na fronteira, ou seja, onde poderia ser mais oportuna migração diante das suas condições econômicas, sociais e culturais, “estar” o que implica na decisão entre as possibilidades de permanecer e o migrar. Da mesma forma, demonstramos que nos décadas recentes aparecem novos rearranjos nos deslocamentos de grupos oriundos do Sul do Brasil continuam a ocorrer inclusive vinculados ao acesso a terra e ao trabalho agrícola (de peão), o que justifica o investimento em pesquisa, teorias e métodos capazes de desvendar este fenômeno.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Maristela de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRITO, Fausto. **BRASIL, Final de século: A transição para um novo padrão migratório?**. XII Encontro da ABEP, Caxambu, 2000. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br>. Acesso em: 11 nov. 2007.
- CUNHA, J. M. P. da et al. **Migrações e Transformações Produtivas na Fronteira: o caso do Mato Grosso**. Anais XIII Encontro da Abep – Caxambú MG, .2002 Disponível:<www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST33_Cunha_texto.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2008.
- GREGORY, Valter. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: Migrações no Oeste do Paraná (1930-1970)**. 2. ed. Cascavél-PR: Eduoeste, 2008.
- LEITE, S.; MEDEIROS, L. **Marchas e contra-marchas na política agrícola**. In: FALEIROS, Vicente de Paula; NUNES, Seleme; FLEURY, Sônia. A era do governo FHC e o governo Lula: transição?. Brasília: Inesc, 2004.
- MARTINE, G.; GARCIA. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987.
- MARTINS, José de Souza. **Camponeses e a política no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- PLATA, L.E.A.; REYDON, B.P. **Políticas de Intervenção no Mercado de Terras no governo FHC**. In REYDON, B. P; CORNÉLIO, F. N. M (Org.). Mercado de Terras no Brasil: Estrutura e Dinâmica. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários, 2006.
- SANTOS, José Vicente Tavares Dos. **Matuchos,:** Exclusão e Luta do Sul Para a Amazônia,. Petrópolis: Vozes, 1993.
- SAYAD, Abdelmalek. – **A imigração – e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SILVA, M.; MENEZES, M.. **Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões**. Brasília: Nead, 2006. Disponível em: <www.nead.org.br/memoriacamponesa/arquivos/leitura/Migracoes_Rurais_no_Brasil_velhas_e_novas_qu esto es.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2008.
- WOORTMANN, Klass. **Migração, Família e Campesinato**. Brasília: Unb, 1990. (Série Estudos Antropológicos n 87).
- ZART, Laudemir Luiz. **Desencanto na Nova Terra: Assentamento no município de Lucas do Rio Verde – MT na década de 80.. Cárceres: Unemat, 1998.**